

## Adaptação no Processo de Transição do Ensino Médio à Educação Superior

### Adaptation in the Transition Process from High School to Higher Education

Silva Jacob Alage<sup>\*a</sup>; Sônia Maria Rocha Sampaio<sup>bc</sup>

<sup>a</sup>Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, BA, Brasil.

<sup>b</sup>Universidade Federal da Bahia, Instituto de Artes, Humanidades e Ciências Prof. Milton Santos, BA, Brasil.

<sup>c</sup>Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, BA, Brasil.

\*E-mail: [alagesilvajacob@gmail.com](mailto:alagesilvajacob@gmail.com)

---

#### Resumo

O ingresso na educação superior é um desafio que apoquento os jovens, devido a diversidade de fatores pessoais e institucionais. Para a compreensão desses fatores nos propusemos com este artigo identificar e descrever as expectativas dos estudantes do primeiro ano do ensino superior público em Moçambique. É um estudo qualitativo, desenvolvido através da entrevista compreensiva com quatro estudantes que frequentavam 1º ano dos cursos de Filosofia e Psicologia na Universidade Pedagógica de Moçambique, seguiu a organização das entrevistas, e para a análise e interpretação, seguiu a proposta de análise de conteúdo. Os resultados apontam a falta de diálogo entre as instituições do ensino médio e do ensino superior e, fraca divulgação dos cursos oferecidos nas universidades públicas. Também, foi possível compreender que os programas do ensino médio não oferecem a realidade e muita consistência para os alunos que ingressam no ensino superior o que faz com que estes cheguem na universidade com lacunas ligadas à cultura universitária, falta de conhecimentos sólidos das matérias estudadas no ensino médio, dificuldades de raciocínio lógico básico. Para tal, sugere a criação de pontes entre os dois níveis de ensino para facilitar a transição e adaptação dos estudantes no ensino superior; criação de programas de extensão universitária para atuar nas escolas do ensino médio para familiarizar os alunos concluintes sobre a cultura universitária.

**Palavras-chave:** Universidade. Expectativas Acadêmicas. Ensino Superior. Moçambique.

#### Abstract

*Entering higher education is a challenge for young people, due to a variety of personal and institutional factors. In order to understand these factors, we set out in this article to identify and describe the expectations of first-year students in public higher education in Mozambique. It is a qualitative study, developed through comprehensive interviews with four students attending the first year of the Philosophy and Psychology courses at the Pedagogical University of Mozambique. The organization of interviews the analysis and interpretation content analysis proposal. The results point to a lack of dialogue between secondary and higher education institutions and poor publicity for the courses offered at public universities. It was also possible to understand that high school programs do not offer the reality and much consistency for students entering higher education, which means that they arrive at university with gaps linked to university culture, lack of solid knowledge of the subjects studied in high school, difficulties in basic logical reasoning. To this end, he suggests creating bridges between the two levels of education to facilitate the transition and adaptation of students to higher education; creating university extension programs to work in high schools to familiarize graduating students with university culture.*

**Keywords:** *University. Academic Expectations. University Education. Mozambique.*

---

#### 1 Introdução

O ingresso na educação superior em Moçambique continua a ser um privilégio alcançado pela minoria e configura-se numa nova fase da vida acadêmica e projeção de uma profissão futura de sucesso e ascensão social. Esse privilégio caracteriza a situação que se vive num país, que em 2019, o Ministério de Ciência e Tecnologia, Ensino Superior e Técnico Profissional, contabilizou 53 instituições do ensino superior, entre as públicas e privadas, o que significa que os alunos concluintes do ensino secundário podem ser recebidos numa destas instituições para realizar o curso que pretendem.

Este crescimento foi acompanhado pela procura generalizada desses serviços, o que faz com que, até agora, a maior parte dos que concluem o ensino médio com expectativas de continuidade dos estudos não tenham acesso

ao ensino superior devido a insuficiência de políticas que garantem a educação para todos e, tem o ensino particular como alternativa, mas nem todos acessam a este regime de ensino por falta de condições econômicas. A título de exemplo; em 2022 as duas grandes universidades do país, a Universidade Eduardo Mondlane disponibilizou 5.890 e se candidatou para ocuparem as vagas 25.427 e para o caso da Universidade Pedagógica de Maputo 3.187 vagas e se inscreveram para disputarem a essas vagas 14.058 candidatos, isso mostra que há muita procura pela formação do ensino superior, para além de preferência pelas instituições públicas de ensino (Opais, 2022)

Na transição do Ensino secundário para o Ensino Superior, os estudantes precisam lidar com desafios que vão além das suas competências intelectuais: encarar mudanças oriundas do

ingresso no meio acadêmico universitário, por se tratar de um espaço totalmente desconhecido. Há vários estudos realizados em países como Brasil e Portugal através de questionários e entrevistas sobre as expectativas acadêmicas dos alunos e a adaptação ao ensino superior, de entre outros destacam-se estudos de Oliveira, Santos e Dias (2016); Costa et al. (2014); Castro e Almeida (2016); Almeida et al. (2003). A nossa pretensão é trazer estudo que aborda a realidade do fenômeno no contexto moçambicano.

O Ensino Superior se configura num sistema de estratificação social, onde as classes mais favorecidas é que tem acesso privilegiado aos lugares mais prestigiados e concorridos do sistema, e continua a reproduzir-se, conformadas por contingências que, na verdade, são, muitas vezes, anteriores à entrada do jovem na universidade. Desse modo, os diretores dos cursos e os professores do 1º ano assegurariam alguma adequação das expectativas iniciais às características do ensino superior, do curso e da instituição (Castro e Almeida 2016). A ausência desse tipo de dispositivo favorece sentimento de frustração, desajuste ou dificuldades de adaptação no decurso nas primeiras semanas de aulas.

As expectativas durante o processo de transição para o ensino superior começam quando o estudante se inscreve para participar do exame de seleção para o ingresso e carrega consigo a ansiedade gerada pelas expectativas do que poderá vivenciar nessa nova etapa da vida, sendo que o seu ingresso implica uma exigência de socialização e uma aculturação aos enquadramentos e práticas do novo ambiente (Paivandi, 2020). No entanto, as expectativas iniciais dos estudantes constituem-se num bom preditor dos índices de participação acadêmica, e em particular do seu envolvimento nas atividades curriculares. O primeiro semestre ou primeiro ano da frequência do curso é crucial, pois, o estudante vem com alta expectativa sobre o ensino superior e o curso, no que concerne às experiências de integração social referente ao estabelecimento de relações de amizade e companhia no estudo; em relação à aprendizagem, ritmo de trabalho, qualidade dos resultados e a relação de envolvimento no curso como projeto de carreira profissional em construção (Paivandi, 2020).

A universidade vai colocar desafios no âmbito do desenvolvimento pessoal e da identidade, exigindo a construção de um sentido de vida e de um sistema de valores susceptíveis de lidar com a complexidade e a decisão, bem como um conjunto de exigências na área acadêmica. O estudante também se depara com o enfraquecimento do sistema de informação e de orientação. Acrescente-se a isso uma pedagogia universitária quase inexistente, cultura e práticas individualistas dos professores, nova relação dos estudantes com o saber marcada, frequentemente, por ausência de referência a textos básicos do pensamento (Coulon, 2008). Portanto, a entrada à universidade envolve várias tarefas que ocorrem em simultâneo, a primeira tarefa a ser cumprida por quem ingressa nela, será de aprender o ofício de estudante

universitário. Esse desafio para se afirmar exige nele a compreensão da nova realidade, que consiste em afiliar-se à universidade, tanto do ponto de vista institucional como numa perspectiva intelectual.

A compreensão do trabalho intelectual necessário deve ser produzida, em uma situação em que, ao contrário do que acontece no ensino médio, os professores não impõem tarefas precisas a serem entregues em determinados prazos ou, pelo menos, em que nunca é suficiente cumprir o que o professor exigiu explicitamente (Coulon, 2008). Geralmente, o jovem quando chega no ensino superior, desconhece muitas vezes as regras de funcionamento das instituições que escolheram, desconhecem os cursos e o seu planejamento curricular, enfrentando novas disciplinas e uma diversidade de métodos de avaliação, neste caso, a boa recepção pode minimizar a estranheza do estudante (Pinheiro, 2003).

Ter sucesso significa que foi reconhecido como socialmente competente, que os saberes que adquiriu foram legitimados e, se o fracasso e o abandono são numerosos ao longo do primeiro ano é precisamente porque a adequação entre as exigências acadêmicas, em termos de conteúdos intelectuais, métodos de exposição do saber e dos conhecimentos e os hábitos dos estudantes, que ainda são alunos não aconteceu (Coulon, 2008). O ajustamento ou adaptação acadêmica, ao que Coulon (2008) considera de afiliação, processo através do qual alguém adquire um status social novo, é um construto multidimensional, que se refere à capacidade do aluno se adaptar ao ensino superior. Nesta linha, o autor considera aluno aos recém ingressos no ensino superior, que ainda convivem com a estranheza do novo contexto e considera estudantes os que se encontram familiarizados ou afiliados à universidade, isto é, aprenderam as regras, vivência, os códigos e rotinas da vida universitária.

O estudante em algum momento sente que está na maior dependência de colegas e professores no processo de ajustamento às exigências acadêmicas. Neste caso, quando sentir a falta de recepção e acompanhamento adequado, neste processo exigente, de integração, isso pode contribuir negativamente ao nível do relacionamento, contribuindo para o abandono do ingressante. A ocorrência da adaptação no ensino Superior, requer a conjugação dos aspectos subjacentes à transição. Soares; Pinheiro e Carneiro (2015), consideram que a transição consiste na percepção e na expressão do indivíduo face ao nível de adaptação ou de resposta à transição e não pode ser externa e unicamente determinada pelo contexto, mas, interna e necessariamente avaliado pelo indivíduo que vivencia a tal transição. O ingresso no ensino superior, que seria, naturalmente, a transição do ensino secundário, é uma das transições mais ambicionadas e simultaneamente mais difíceis que o aluno vivencia, pelas mudanças de natureza educativa resultantes do início do ensino, que consideramos universitário.

Esse movimento de um espaço para novos contextos de

vida e de desenvolvimento está relacionado com a realização de tarefas esperadas na fase de vida do jovem, onde as percepções desenvolvidas são consideradas como vetor importante de integração social e acadêmica para o alcance do seu futuro profissional em materialização (Paivandi, 2020). Portanto, os alunos com dificuldades de adaptação podem precipitar a retenção, o abandono ou a interrupção dos estudos, particularmente, durante o término do primeiro semestre ou no final do ano letivo. É mais evidente o abandono da universidade no final do primeiro semestre, ou do primeiro ano letivo, período crucial em que os alunos precisam de mais apoio para a sua adaptação (Soares; Pinheiro; Carneiro, 2015).

Criar uma rede de amizade que sirva de suporte na universidade pode colaborar para o bem-estar dos jovens, no que se refere ao controle emocional em casos de dificuldades e compartilhamento de expectativas, interesses, problemas e experiências. Nesta fase, os colegas da turma desempenham a função de apoio afetivo e acadêmico para auxiliar os estudantes em situações problemáticas, o que contribui para a construção da identidade profissional dos alunos, uma vez que os estudantes tendem a partilhar as informações sobre o curso, os colegas, a instituição e a profissão, de modo a compor o perfil do profissional que desejam ser ao sair da universidade, o que seriam as novas expectativas em relação ao futuro no exercício da profissão (Santos; Oliveira; Dias, 2015).

As instituições do ensino superior, ao receberem novos ingressos devem ser simultaneamente desafiadoras e apoiantes aos recém ingressos, pois, sua experiência e suas crenças são mobilizadas no quadro de um contexto institucional, focando a sua atenção nas características e experiências prévias do aluno ao ingressar no ensino superior e a maneira como os estudantes percebem e julgam seu ambiente de estudos atuais. Os laços sociais se tornam um dado essencial de sua mobilização dentro do ambiente universitário aproximando essas duas realidades distintas as quais o estudante vivencia (Paivandi, 2020).

## **2 Material e Métodos**

### **2.1 Participantes**

É um estudo qualitativo e participaram desta pesquisa quatro<sup>1</sup> estudantes do ensino superior público de dois cursos, dos quais três cursavam Psicologia e um frequentava o Curso de Ensino de Filosofia, com idade que varia de 21 a 29 anos de idade, todos pertenciam a Universidade Pedagógica de Maputo - Moçambique.

### **2.2 Instrumentos e procedimentos para a produção de dados**

A entrevista compreensiva como método foi escolhida para a produção de dados da pesquisa. A entrevista é um

método que possibilita diálogo no contato do pesquisador e do participante da pesquisa no campo.

Kaufmann (2013) entende ser um método econômico e de fácil acesso, pois basta ter um gravador, um pouco de audácia para bater à porta, conduzir a conversa em torno de um grupo de questões e saber extrair do material recolhido os elementos de informação das ideias a desenvolver. É por essa via que foram captadas as narrativas sobre as experiências de transição dos estudantes do primeiro de forma profunda por meio de gravação das conversas.

Para acessar os participantes contactou-se a direção da faculdade que delegou o chefe do departamento que nos levou até aos estudantes, explicou-se o objetivo da pesquisa e os estudantes de forma voluntária prontificaram em participar do estudo e, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, marcou-se o dia e a hora para cada participante. As entrevistas ocorreram em ambiente presencial no recinto da Universidade, no período de janeiro a julho de 2021.

A entrevista sobre a Adaptação à Universidade apresentou sete itens a saber: a) ações de recepções e atividades que a universidade realiza para garantir a adaptação dos estudantes; b) diferenças percebidas entre a universidade e o ensino secundário; c) políticas de apoio social para facilitar a adaptação à vida universitária; o funcionamento da universidade; d) ações de assistência desenvolvidas pela coordenação do curso; e) apoio, aconselhamento e acompanhamento dos estudantes; f) comunicação entre os estudantes e com professores dentro e fora da sala e; g) a gestão do tempo de estudo.

Após a gravação, as entrevistas foram transcritas e organizadas em categorias em função do discurso Bakhtin (2006), que considera que é na diversidade das modalidades de diálogo do cotidiano que se reelaboram diversos gêneros nas condições da comunicação discursiva imediata. E a análise de conteúdo permite a criação de categorias e a classificação dos significados das mensagens em espécies de gavetas, assegurando as informações subjetivas dos estudantes (Bardin, 2011).

### **2.3 Procedimentos éticos**

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (CEPIPS – UFBA, com o protocolo do parecer 4.653.179 para análise, autorização e aprovado pelo CAAE: 39363920.8.0000.5686.

### **2.4 Análise de dados**

As entrevistas com os participantes Tintswalo, Regina, Macuacua e Edgar Matola<sup>2</sup> foram transcritas e depois fez-se apresentação dos participantes descrevendo os dados sociodemográficos e suas narrativas sobre a temática em

1 Salientar que este estudo é parte da tese de doutoramento em andamento que envolve um total de 15 participantes que frequentam instituições do ensino médio e superior público no país que visa compreender o processo de transição de jovens do ensino secundário ao ensino superior público.

2 Nomes fictícios dos participantes da pesquisa

análise. Em seguida foram agrupados discursos e conteúdos similares para permitir a discussão abrangente da temática de onde fizemos o recorte sobre expectativas e informação, transformação do ingressante no ensino superior que originou este artigo. De referir que, este artigo é parte da pesquisa do doutoramento defendido no Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia em julho de 2022.

### 3 Resultados e Discussão

#### 3.1 Expectativas dos estudantes do primeiro ano

Os alunos quando recebem a informação sobre a admissão no ensino superior, isso marca o início de uma nova dura e longa jornada pela frente que exige uma articulação triádica: estudante, família e universidade.

O estudante por ser o ator a realizar e empenhar-se nas atividades acadêmicas e institucional, quem vai vivenciar desafios da estranheza, aprendizagem e afiliação até se tornar membro da universidade; a família como estrutura do suporte, provedor e guardião das necessidades afetivas e econômicas que o estudante poderá eventualmente solicitar e; a universidade por ser o espaço que recebe por excelência os alunos.

Macuacua na sua narrativa revela que tinha uma expectativa que não ia de encontro com a realidade universitária: “a expectativa era maior, mas a realidade é outra, porque a princípio, eu quando ingressei achava que ia estudar aquilo que pensava que ia estudar enquanto lá em algum momento você estuda coisas que você não esperava que ia estudar (Macuacua).

É comum que os estudantes apresentem nos primeiros dias dificuldades relacionadas a cultura acadêmica devido às diferenças acentuadas entre o ensino médio e ensino superior, por falta de comunicação entre os dois níveis, e nas relações interpessoais, o egoísmo por estarem habituado ao individualismo e falta de espírito de partilha e interajuda para além da diversidade étnica, racial e cultural da sua proveniência.

Nesta fase, os estudantes precisam viver um processo de transformação e aprendizagem da vida universitária que consiste em passar da condição de aluno para a de estudante; transição para novos desafios e ritos de passagem que envolvem o tempo, o espaço e a relação com o saber. A passagem de um período a outro onde o indivíduo se desvincula de condição anterior (Gennep, 2013).

O estudante tem a sua tarefa a desenvolver para se enquadrar nesse novo espaço de aprendizagem e com uma cultura e exigências diferentes das do ensino secundário, mas também os professores, servidores e gestores são solicitados para juntos trabalharem na recepção, acolhimento e adaptação deste novo público que, geralmente, vem de lugares distintos.

A divulgação dos cursos, exigências e condições de acesso é crucial, para evitar que os alunos optem por um curso de forma aleatória. Como afirma Tintswalo, que carecia de informações sobre a universidade, “não tinha informação

sobre o ensino superior, mas sabia que lá é diferente do ensino secundário e técnico[...] por isso a escolha do curso foi aleatória”

Edon Matola também fala da sua experiência de ingresso na universidade e da necessidade de se reinventar para poder se adaptar as exigências universitárias, porque só “sabia que na faculdade estuda-se muito, tens que ir à biblioteca pesquisar”. Ele precisou:

Primeiro buscar a rotina de ser um aluno para depois ser estudante, acho que é diferente entre ser um simples aluno e ser um estudante, foi um pouco difícil a minha inserção porque eu tinha visão de um aluno e, cheguei na faculdade, e tinha que me comportar como estudante enfrentando também a exigência dos docentes, eles exigiam como se eu já estivesse lá a mais tempo (Edson Matola).

Como vimos na fala de Tintswalo e Edson Matola, vários estudantes criam expectativas sem saber ao certo como funcionam os cursos, suas exigências e possibilidades de formação num contexto rodeado de múltiplas contingências perturbam o seu mecanismo demasiado previsível (Coulon, 2017). Na opinião de Sampaio (2021) os professores universitários as vezes perdem a oportunidade de realizar o seu verdadeiro papel, o de acolher os estudantes.

A transição para a universidade, caracteriza-se por diversidade de hábitos entre os estudantes universitários e devem se afiliar ao seu novo papel e isso requer ações de interação e formação que facilitem esse processo. Essa atividade deve ser promovida pelos atores universitários. É nesse quesito que, Edson Matola reclama da falta da cultura de recepção naquela instituição do ensino e revela:

Aqui não realizam cerimônia para apresentar os estudantes, não existem pessoas para explicar o funcionamento da faculdade, tive que procurar sozinho onde fica a biblioteca, bloco de sala de aula, o banheiro, entre outros lugares importantes para o estudante conhecer (Edson Matola).

Zittoun (2009) e Paivandi (2019), consideram que é importante a presença de dispositivos que acompanhem as pessoas em transição para que seja facilitada sua aprendizagem e transformação. Esta situação torna mais complexa nos casos em que o jovem é o único na família a frequentar o ensino superior, onde necessita viver essa experiência de transição, em que precisa desencadear uma série de operações práticas visíveis.

O estudante deve se engajar continuamente no sentido de interpretar o seu novo ambiente e dar-lhe sentidos a fim de poder sobreviver nele, esse tipo de estudantes são mais propensos a experimentar menor sucesso acadêmico e dificuldades de ajustamento psicossocial, quando comparados com os estudantes cujos pais frequentaram este nível de ensino, e que podem servir como modelo ou fonte de informação e apoio no processo de transição e adaptação ao novo contexto de estudos (Sampaio e Santos, 2015; Costa et al., 2014).

Esse despreparo propicia nos ingressantes, expectativas imaginárias distantes da realidade. Algumas opiniões que aparecem nas entrevistas preocupam, Macuacua também

partilha do mesmo sentimento, pois no período sua entrada não dispunha de informação suficiente sobre os estudos no ensino superior e a universidade não realizou atividades de recepção e inserção na cultura universitária e, afirma:

Nós, na minha universidade não chegamos de ter nenhuma atividade para inserir ou socializar o estudante no que concerne aos departamentos da universidade, não existe nenhum programa de recepção dos estudantes, no curso temos o diretor do curso onde faz acompanhamento de todos os estudantes para saber como está sendo o trabalho, qual é a dificuldade e o diretor do curso tem nos ajudado nesses moldes (Macuacua).

Outras dificuldades que o estudante apresenta estão relacionados com a atuação dos professores dentro da sala de aulas, em que apresentam trabalhos em simultâneo para realizarem e entregar em curto espaço de tempo:

As dificuldades que vivenciei para adaptar-me à universidade foram várias, primeiro a dinâmica do trabalho, onde também tinha docentes a dar trabalhos em simultâneo e teve que procurar fazer a gestão do meu tempo para cumprir com as tarefas levei muito tempo para poder engrenar nessa dinâmica de trabalho, mas depois consegui conciliar o trabalho de todas cadeiras (Macuacua).

Assim, a transição para o ensino superior exigiria um trabalho com os alunos do ensino secundário, que apontasse possibilidades e trabalhasse as expectativas facilitando, dessa maneira, a sua acomodação no ensino superior.

E é provável que isso ajudasse a prevenir eventuais discrepâncias entre a realidade acadêmica e a ideia que dela fazem os jovens ingressantes no ensino superior. Uma sugestão apresentada por Edson Matola dizendo que ao ingressar devia haver um período probatório, foi meio que sair daqui para aqui agora “tipo no preto e branco quando precisava passar do cinzento”.

As mudanças que a educação superior exige dos recém ingressos, torna mais desafiadora pelo facto de que durante a transição para o ensino superior são exigidos uma transformação imediata, esquecendo-se que toda mudança é um processo, portanto, a passagem para a universidade exige atravessar algumas fases identificadas nos estudantes, o que Coulon (2008) no livro “A condição de estudante” designou de “tempos”: o tempo do estranhamento, o tempo da aprendizagem e o tempo da afiliação que não deve ser automatizado.

### **3.2 Adaptação bem-sucedida**

A consideração das fases do tempo durante o ingresso no ensino superior, a recepção e acompanhamento dos calouros, o engajamento de todo público que atua no ambiente universitário pode facilitar o ajustamento das expectativas dos estudantes e facilitar a adaptação dos recém-chegados.

Para a adaptação à universidade, o estudante Edson Matola fala das experiências de outras formações e, sugere algumas ações que a universidade pode desenvolver como forma de integrar os novatos:

Eu estive numa outra formação, não sei se não deu tempo de perceber, nós lá chamávamos de educação cívica e patriótica ensinava, se um pouco de tudo, cultura geral da instituição e não só, acho que por meio de palestras, encontros, tem vários espaços ali, eles podiam investir um pouco de tempo nisso pelo menos durante os primeiros seis meses do ano, porque sempre é o período em que recebe os estudantes, pode ser alguém que só trabalhe nesse período para ajudar a inserção dos estudantes (Edson Matola).

Na mesma direção Macuacua acrescenta que: A universidade poderia criar plataformas onde poderia haver uma interação entre professores assim como alunos; existirem algumas pessoas, alguns trabalhadores da própria universidade que podem orientar os estudantes na localização dos espaços da universidade: onde se localiza a biblioteca, a sala de informática, etc. Também tinham que investir um pouco na aproximação, porque em algum momento há certas barreiras que são criadas e isso dificulta um pouco a adaptação do próprio estudante no ensino superior (Macuacua).

Por outro lado, Regina avalia criticamente a atuação da direção, valendo-lhe da experiência como estudante da Universidade de São Bento, no Brasil e afirmando que:

Falta muito para ter alguém ou o diretor de curso que chegue e fale com os alunos o que é, como vamos trabalhar, ele como coordenador nada fez como ações para receber os estudantes, acho que ainda estamos meio crus nessa parte de acolhimento como estudantes. No início a direção do curso, o diretor do curso, não apenas ele deve olhar para aqueles que saem do ensino médio direto para a faculdade. Deveria ter algo tipo um seminário, por uma semana, em que ele vai falar com eles explicar o que é universidade..., até agora, acho que só foi uma professora que entrou e mostrou para a turma o que realmente estão a fazer dentro da faculdade; ela colocou as dificuldades do curso, colocou cada um no seu patamar e isso foi no início do segundo semestre. Acho que isso devia acontecer logo na primeira semana de aulas para a adaptação. Quando alguém acolhe uma pessoa em sua casa, ela não atira a pessoa logo para trabalhar, precisa mostrar as coisas, os locais onde ficam e como funcionam. (Regina).

A imersão do estudante no contexto universitário deve ser gradual e essa indução deve ser garantida, conforme a recomendação de Castro e Almeida (2016) ao considerarem que, os diretores dos cursos e os professores do 1º ano assegurariam alguma adequação das expectativas iniciais às características do ensino superior, do curso e da instituição.

Os mesmos autores acrescentam que os atores universitários podem desencadear algumas medidas, como atividades de acolhimento e de divulgação do curso, reforço do trabalho de grupo nas aprendizagens, aumento do feedback dos professores em relação às atividades de ensino e objetivos de aprendizagem esperados.

A implementação de metodologias de avaliação contínua para assegurar a adaptação dos estudantes, o ajustamento das expectativas que trazem, sugerindo também uma política institucional para atender a um público cada vez mais heterogêneo nas suas vivências anteriores e expectativas acadêmicas. Coulon (2017) corrobora ao afirmar que o estudante tem o suporte das experiências anteriores, mas não está congelado em sua antiga definição e prática, ele é

solicitado a realizar uma nova aprendizagem a fim de tornar-se membro.

Na mesma linha, Paivandi (2020) considera que o primeiro ano do ensino superior é crucial, pois, o estudante vem com alta expectativa sobre o curso no que concerne às experiências de integração social referente ao estabelecimento, de relações de amizade e companhia no estudo; em relação à aprendizagem, ritmo de trabalho, qualidade dos resultados e a relação de envolvimento no curso como projeto de carreira profissional em construção.

É nesse contexto que se exige a necessidade de fornecer aos candidatos e estudantes informação clara e precisa sobre todos esses aspectos, para além de acompanhamento de seu percurso universitário e a avaliação dos seus resultados na medida que se inscrevem nas políticas de gestão adotadas pelas universidades em relação aos seus membros.

Almeida et al. (2003, 2007) concordam com a ideia de que a preparação dos alunos para as exigências do ensino superior não tem sido devidamente pensada, mantendo-se uma discrepância acentuada entre o ensino secundário geral e ensino superior em termos de metodologias de ensino, a diversificação de turmas, conteúdos curriculares menos estruturados e com variedade de referências, o que não favorece a transição e adaptação inicial dos estudantes.

Coulon (2008) considera haver necessidade de um preparo por parte dos estudantes para enfrentamento da vida de ser estudante universitário, o que supõe tornar-se e sentir-se um verdadeiro universitário, aquele que tem acesso a um universo fora do mundo trivial, compartilhado com outros membros e colegas da instituição.

As exigências da universidade são diferentes do ensino secundário, em termos do volume dos conteúdos, tempo de permanência e exigências econômicas; o professor tem mais autonomia, como constatamos na narrativa de Edson Matola ao afirmar que “o professor só te dá o conteúdo e até diz se você não lê, você não tem como passar,” essas diferenças precisam ser respeitadas pelos professores, porque os processos intelectuais, institucionais e culturais que cercam a transformação de estudantes levam certo tempo para conhecer e dominar as regras.

A afiliação implica conseguir desenvolver ações cotidianas de forma “automática” e isso ocorre depois de superar as fases acima proposta e nesse momento o estudante possui todas as características de um membro e que desenvolve as tarefas acadêmicas sem estranhamento (Sampaio; Santos, 2015; Coulon, 2017).

Outro aspecto associado a transição acadêmica é a experiência partilhada por Tintswalo que teve dificuldades ligadas ao idioma em alguns vocábulos ainda não tinham conhecimento deles... ainda não nos adaptamos, finalizou. Como vimos, a afiliação intelectual e institucional ocorre quando o estudante conhece a linguagem e os códigos de comunicação. E COULON (2017) reforça dizendo que tornar-se membro é afiliar a um grupo, a uma instituição, o que requer

o domínio progressivo da linguagem institucional.

#### 4 Conclusão

As considerações deste estudo vão na direção das constatações levantadas e confrontadas com a realidade educacional, na tentativa de compreender o processo de transição de jovens do ensino secundário e a adaptação ao ensino superior público, dessa forma, entendemos o processo de transição como o momento que vai desde o ensino secundário, a decisão pela continuidade dos estudos, a escolha do curso superior, o ingresso, adaptação e afiliação ao novo contexto universitário.

Os jovens assumem papel ativo na construção de uma trajetória escolar e profissional, neste momento de construção da trajetória eles afirmaram que tiveram apoio dos amigos e da família sobre o curso a seguir na universidade. Dai que, as decisões nem sempre são devidamente orientadas pelos profissionais da educação, porque as escolas secundárias públicas não prestam apoio necessário aos concluintes do ensino médio para ampliar seus conhecimentos sobre cursos ofertados no ensino superior e sua aplicação prática.

Os estudantes chegaram com poucas informações sobre os cursos porque não tiveram a oportunidade de serem informados nas suas instituições anteriores e tiveram informações a partir da família e amigos, salientar que os estudantes ingressos são provenientes de escolas secundárias públicas diferentes. Para se integrarem precisam passar por um ritual que não é automatizado, eles precisam passar por tempo do estranhamento, o tempo da aprendizagem e o tempo da afiliação.

Concluindo se assim, que as escolas secundárias não têm prática de conversar com os seus alunos e divulgação dos cursos oferecidos no ensino superior como forma de prepará-los, por outro lado, as instituições do ensino superior públicas, não entram em contato com as escolas secundárias públicas para publicitar os cursos, requisitos de ingresso, funcionamento das suas instituições e dos cursos em particular.

Pois os estudantes moçambicanos provenientes do ensino médio passam por diversas dificuldades quando ingressam no ensino superior, dentre os vários desafios destacaram a falta de informação, por parte das instituições que lhes recebem, o estranhamento do novo local que passam a frequentar, o desconhecimento do funcionamento da instituição e a falta de comunicação no seio universitário. Elementos causados pela falta de comunicação entre as instituições do ensino médio e as do ensino superior que recebem ingressantes.

Para minimizar o sofrimento dos estudantes, as universidades podiam desencadear algumas medidas, tais como visitas às escolas para a divulgação dos cursos, pois é de onde vem a matéria prima para o seu funcionamento, e nos ingressos também desenvolver atividades de acolhimento, como diz Sônia Sampaio que “os professores do ensino superior às vezes perdem a oportunidade de realizar o seu verdadeiro papel, o de acolher os estudantes”.

## Apoio

Este trabalho foi realizado com apoio do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), da CAPES – Brasil, com o objetivo de identificar e descrever as expectativas dos estudantes do primeiro ano do ensino superior público em Moçambique.

## Referências

- ALMEIDA, L.S. Transição, adaptação acadêmica e êxito escolar no ensino superior. RUC, v.15, p.1138-1663, 2007.
- ALMEIDA, L.S. et al. Envolvimento acadêmico: confronto de expectativas e comportamentos em universitários do 1º ano. *Psicol. Educ.*, v.2, n.2, 2003. doi: <https://hdl.handle.net/1822/12066>
- BAKTHIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes. 2006.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70. 2011.
- CASTRO, R.V.; ALMEIDA, L.S. Ser estudante no ensino superior: observatório dos percursos académicos dos estudantes da UMinho. 2016. doi: <https://hdl.handle.net/1822/42317>
- COSTA, A.R. et al. Expectativas académicas segundo o género dos estudantes portugueses do primeiro ano do ensino superior. *Int. J. Develop. Educ. Psychol.*, v.2, p:325-334. 2014. doi: <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2014.n1.v2.447>
- COULON, A. A condição de estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA. 2008.
- COULON, A. Etnometodologia e Educação. São Paulo: Cortez. 2017.
- GENNEP, A.V. Os ritos de passagem. São Paulo: Vozes. 2013.
- KAUFMANN, J.C. A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes, 2013.
- OLIVEIRA, C.T.; SANTOS, A.S.; DIAS, A.C.G. Expectativas de universitários sobre a Universidade: sugestões para facilitar a adaptação académica. *Rev. Bras. Orient. Prof.*, v.17, n.1, p.43-53, 2016.
- OPAIS. Mais de catorze mil candidatos disputam vagas na UP-Maputo, Maputo 2022. Disponível em <https://www.opais.co.mz/mais-de-catorze-mil-candidatos-disputam-vagas-na-up-maputo/>
- PAIVANDI, S. Le défi de la transition entre secondaire et supérieur: construisons des ponts. Laboratoire des sciences de l'éducation et de la communication (LISEC), Sciences de l'éducation, Université de Lorraine. 2019.
- PAIVANDI, S. As pesquisas internacionais e o desafio da transição entre secundário e o superior. In. SANTOS, G.G.; SAMPAIO, S.M.R. Observatório da Vida Estudantil: Interdisciplinaridade, vida estudantil e diálogo de saberes. Salvador: Edufba. 2020
- RESOLUÇÃO 466 DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. Conselho Nacional de Saúde (CNS). 2012. Disponível de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.
- SAMPAIO, S.M.R.; SANTOS, G. A teoria da afiliação: notas para pensar a adaptação de novos públicos ao ensino superior, *Rev. Atos Pesq. Educ.*, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2015v1n10p203-214>.
- SANTOS, A.S.; OLIVEIRA, C.T.; DIAS, A.C.G. Características das relações dos universitários e seus pares: implicações na adaptação académica. *Rev. Psicol. Teor. Prát.*, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v17n1p150-163>
- SOARES, A. et al. Diferenças de adaptação académica entre estudantes do curso de psicologia. *Psicol. Pesq.*, v.13, p.93-118, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2019.v13.27231>.
- SOARES, A.M.; PINHEIRO, M.R.; CANAVARRO, J.M.P. Transição e adaptação ao ensino superior e a demanda pelo sucesso nas instituições portuguesas. *Psychol.*, v.58, n.2, p.97-116, 2015. doi: [http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606\\_582\\_6](http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_582_6).
- TIETZEN, A.M.S. Vivências Académicas dos alunos do Ensino Superior. Gambelas: Universidade do Algarve, 2010.
- ZITTOUN, T. Learning through transitions: the role of institutions. *Euro. J. Psychol. Educ.*, v.23, n.2, p.165-181, 2008.